

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

Steven Osborne piano

Thomas Bloch ondas Martenot

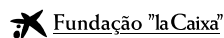
22 Jan 2022 · 18:00 Sala Suggia

IF MUSIC BE THE FOOD OF LOVE...
ANO DO AMOR



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Stefan Blunier sobre o programa do concerto.
[HTTPS://VIMEO.COM/667899187](https://vimeo.com/667899187)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Olivier Messiaen

Turangalîla-Symphonie, para piano solo, ondas Martenot e grande orquestra

(1948; c. 80min)

1. Introduction
2. Chant d'amour I
3. Turangalîla I
4. Chant d'amour 2
5. Joie du sang des étoiles
6. Jardin du sommeil d'amour
7. Turangalîla 2
8. Développement de l'amour
9. Turangalîla 3
10. Final

Olivier Messiaen

AVIGNON, 10 DE DEZEMBRO DE 1908

CLICHY, 27 DE ABRIL DE 1992

***Turangalila-Symphonie*, para piano solo, ondas Martenot e grande orquestra**

A *Turangalila-Symphonie* marca o culminar do primeiro período criativo de Messiaen. Situada como painel central do tríptico de Tristão, entre o ciclo de canções *Harawi* e *Cinq rechants* para doze vozes mistas sem acompanhamento, *Turangalila* é um raio de energia exótico que, apesar do seu ímpeto ser a ideia de um amor que tudo consome e apenas se consuma através da morte, é caracterizado por uma inquestionável alegria de viver.

A encomenda de Serge Koussevitzky para Messiaen escrever uma obra para a Orquestra Sinfónica de Boston foi muito atractiva: “escolha quantos instrumentos quiser, escreva uma obra tão longa quanto desejar e no estilo que bem entender.” O resultado foi a sinfonia em dez andamentos para piano a solo, ondas Martenot e grande orquestra, estreada pela Orquestra Sinfónica de Boston sob a direcção do maestro Leonard Bernstein, numa sexta-feira, 2 de Dezembro de 1949.

Desde o início, a questão sobre se, e de que forma, os dez andamentos de *Turangalila* constituem uma sinfonia foi levantada inúmeras vezes. No entanto, é mais pertinente perguntar porque será esta a única obra de Messiaen a merecer o título de “sinfonia”. Talvez *Des canyons aux étoiles...* (1971-4), com os seus 12 andamentos, ou *Éclairs sur l'au-delà...* (1988-1991), com 11, merecessem igualmente ser chamadas “sinfonias”. A resposta a esta pergunta advém tanto da origem e gestação da *Turangalila* como da sua natureza musical intrínseca. O que nem o público nem os críticos

podiam saber, em 1949, é que no início Messiaen não tinha a intenção de escrever uma obra com mais de 75 minutos e dividida em 10 andamentos. A resposta inicial à extraordinária encomenda de Koussevitzky foi escrever uma sinfonia muito mais convencional, durando cerca de metade do tempo, com apenas quatro andamentos e referências a *Turangalila*. Esses quatro andamentos iniciais tornaram-se na “Introduction”, “Chant d’amour II”, “Jardin du sommeil d’amour” e “Final”. Por outras palavras, Messiaen começou por escrever uma sinfonia de acordo com a tradição: com um primeiro andamento, um *scherzo*, um andamento lento e um *finale*. Foi apenas após terminar esta estrutura da concepção original que acrescentou os três andamentos que partilham o nome da sinfonia, “Turangalila”. Se os quatro andamentos inicialmente compostos se caracterizam por uma exuberância esmagadora, com ênfase na melodia, os três andamentos “Turangalila”, que foram depois intercalados com os outros, dão a sensação de indagar os mecanismos de um relógio complicado. Tendo incorporado três andamentos com técnicas de cálculo matemático, Messiaen sentiu que a sinfonia não era equilibrada. Acrescentou mais dois andamentos: mais um “Chant d’amour” e um “Développement de l’amour”, reforçando a ideia de “um amor irresistível” que havia retirado do mito de Tristão. O “Développement”, com os seus desenvolvimentos climáticos sobre o tema do “amor”, cada qual mais apaixonado do que o anterior, actua como a secção de desenvolvimento de toda a sinfonia, potenciando progressivamente a intensidade emocional. No entanto, era ainda necessário algo mais. Essa procura resultou no mais famoso andamento de todos: “Joie du sang des étoiles”. Este *moto perpetuo* furioso realça o coração da sinfonia e prepara a *rêverie* (sonho) que o

andamento seguinte representa, “Jardin du sommeil d’amour”, de uma forma muito mais conseguida do que a versão inicial com quatro andamentos possibilitava. Não é de estranhar que, tendo sido o último andamento a ser escrito, “Joie du sang des étoiles” encapsule o espírito efervescente da *Turangalila* como um todo, mesmo se, em retrospectiva, não fizesse parte da concepção original de Messiaen. Há o sentimento de que “Joie du sang des étoiles” era o andamento que Messiaen necessitava ter escrito da génese piramidal da sinfonia.

A unidade da *Turangalila* advém de quatro temas cíclicos, a partir dos quais Messiaen cria a maior parte do material musical. O tema da “estátua” é uma pesada sequência de terceiras, geralmente tocada nos trombones. O tema da “flor” é usualmente tocado em *pianissimo* nos clarinetes, enquanto o tema do “amor” se ouve um pouco por toda a orquestra em determinados momentos. Finalmente, existe um “tema de acordes”, que à primeira vista é mais variado e, assim, menos óbvio para os nossos ouvidos. No entanto, ele pode ser escutado claramente no início e no final do oitavo andamento. Estes quatro temas garantem um sentido de orientação firme dentro de uma variedade vertiginosa de ideias musicais, através das quais Messiaen rompe com muitas das noções anteriores sobre como a música se deve desenvolver e os próprios recursos da orquestra devem ser utilizados. Um exemplo notável é a colecção de instrumentos metálicos de percussão e com teclados que formam frequentemente um ensemble de “pseudo-gamelão” dentro da orquestra, ao mesmo tempo que a paixão de Messiaen pelo canto dos pássaros também se faz sentir na música, muito especialmente na filigrana decorativa do sexto andamento, “Jardin du sommeil d’amour”.

Mais do que uma narrativa convencional do mito de Tristão, Messiaen prefere criar um mundo de sonho explorando diferentes estados de espírito através deste tríptico, ao qual pertence *Turangalila*. Existem sentimentos de esperança, alegria e excitação, mas os sonhos também podem ser pesadelos, evocando medo e profunda ansiedade, estando as ideias do amor e da morte permanentemente entrelaçadas. A morte não é apenas tida como inevitável, mesmo desejável, e uma consequência de um amor intoxicante, mas também como um ritual purificador de iniciação a um nível superior de existência, a um entendimento mais profundo entre os amantes. Existe uma relação directa entre esta ideia de a morte gerar um amor mais forte e a noção de fé comunicada por Messiaen. A morte de Cristo não só demonstra o amor de Deus pelo mundo, mas é igualmente uma condição necessária para a salvação da humanidade.

Messiaen não deixava dúvidas ao descrever *Turangalila* como sendo uma obra sobre o amor, afirmando com candura que o quinto andamento, intitulado surrealmente de “Joie du sang des étoiles” (Alegria do sangue das estrelas), representa “o pico da paixão carnal”. Do ponto de vista católico do dogma do amor, este reconhecimento inocente não é tão surpreendente como possa parecer à primeira vista. Para Messiaen, o amor humano era “um reflexo — ténue, mas mesmo assim um reflexo — do único amor genuíno, o amor divino”. Esta ideia também ajuda a compreender a localização surpreendente que ocupa na obra um andamento que atinge maior furor do que o “Final”, uma vez que o amor físico no coração da sinfonia é transcendido por um amor mais profundo. Messiaen reconhece igualmente que o sentimento de exaltação na sinfonia é construído sobre o alicerce da dor:

“A *Turangalila-Symphonie* é uma canção de amor. É igualmente um hino à alegria. Não à alegria respeitável e relativamente eufórica de alguns bons homens do século XVII, mas à alegria concebida por alguém que a experimentou por entre a tristeza, ou seja, uma alegria que é sobre-humana, transbordante, ofuscante, ilimitada.”

Só no mundo de sonho do sexto andamento, “Jardin du sommeil d’amour” (Jardim do sono do amor), podemos encontrar um oásis de paz em toda a *Turangalila*. Se “Joie du sang des étoiles” é carnal, agitado, frenético, barulhento e até brutal, “Jardin du sommeil d’amour” é puro, calmo e terno. Representa o aprisionamento dos amantes adormecidos, que estão alheados do mundo, banhados em manchas de luz que nos lembram *Pelléas* de Debussy. O jardim está repleto de “plantas e flores novas, pássaros resplandecentes e melodiosos que cantam o amor”. Escrevendo mais tarde, Messiaen fez uma confissão sentida: “O tempo passa, esquecido. Os amantes estão fora do tempo. Não os acordem...”. Tais comentários, assim como toda a sinfonia, devem ser enquadrados no trágico contexto da vida pessoal de Messiaen: na altura em que compunha *Turangalila*, a sua primeira mulher, Claire Delbos, manifestava já os primeiros sinais de demência. Entretanto, a excepcionalmente talentosa pianista Yvonne Loriod havia-se transformado na sua musa criativa, mas Messiaen sentia que a fé o impedia de quebrar a santidade do seu casamento com Delbos.

Embora longe da abstracção, a música não é representativa de uma forma directa, como é a de outros compositores — apesar dos epítetos de ‘estátua’, ‘flor’, ‘amor’ e ‘pedra’ atribuídos aos temas cíclicos. Nem tão-pouco a palavra em sânscrito “*Turangalila*” providencia

uma pista clara. Ela pode ser dividida em duas partes: “*Turanga*”, que significa tempo, e “*lila*”, que tem conotações com vida, criação, ritmo e movimento. Mas isto não é mais explícito do que a descrição que Messiaen faz de uma canção de amor ou hino à alegria. O compositor deixa claro que o título nada tem que ver com um nome de mulher, ou com um ritmo indiano codificado por Çarngadeva. Como *Pavane pour une infante défunte*, de Ravel, *Turangalila* foi a palavra escolhida como título da sinfonia porque tem uma sonoridade agradável.

Independentemente de qualquer que tenha sido a inspiração, as circunstâncias e a intenção da sinfonia, ela é uma consistente e feliz exploração do som musical. Só o coração mais insensível poderá ficar indiferente à exuberância de Messiaen.

CHRISTOPHER DINGLE¹

Tradução: Rui Pereira

1 Christopher Dingle é autor do livro *The Life of Messiaen* (Cambridge University Press, 2007)

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Para além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2021/22 leva-o a dirigir a Orquestra da Suíça Romanda, a Sinfónica de Berna, a Orquestra Estatal de Darmstadt, a Sinfónica da Ópera de Toulon e a Sinfónica de Singapura. Regressa à Deutsche Oper am Rhein com *Macbeth* de Verdi.

Depois do grande sucesso que foi a nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi também bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou recentemente com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Stefan Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu a gravação de uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Anton Bruckner, Franz Liszt e Franz Schmidt, bem como a criação de um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, Stefan Blunier tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Mais recentemente, dirigiu a Sinfónica NHK (Japão), a Sinfónica Escoceza da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, as Filarmónicas de Rheinland-Pfalz e do Sul da Holanda, a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois das bem-sucedidas participações nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Steven Osborne piano

Steven Osborne é um dos mais aclamados músicos britânicos, cujas interpretações inspiradas e idiomáticas de repertório diverso demonstram uma enorme profundidade musical. Entre os inúmeros prêmios que conquistou, destacam-se o de Instrumentista do Ano da Royal Philharmonic Society e dois Prêmios Gramophone. As suas residências artísticas no Wigmore Hall de Londres, no deSingel de Antuérpia, no Festival Internacional de Música de Bath, na Orquestra Sinfônica Cidade de Birmingham e na Orquestra Nacional Real Escocesa são um testemunho da reverência que lhe é devida. As suas gravações mais recentes para a Hyperion — as Sonatas de Guerra de Prokofieff e obras francesas para duo de pianos com Paul Lewis — foram ambas nomeadas para os Prêmios Gramophone.

Os seus recitais são unanimemente aclamados pelo público e pela crítica. Centra a temporada 2021/22 em obras de Debussy e Rachmaninoff, preparando as suas próximas gravações. Apresentou-se em recital nos palcos mais prestigiados do mundo, incluindo a Konzerthaus de Viena, o Concertgebouw de Amsterdão, a Philharmonie de Berlim, a Elbphilharmonie de Hamburgo, o Suntory Hall de Tóquio e o Kennedy Center de Washington, sendo também convidado regular do Lincoln Center e do Wigmore Hall.

Tem-se apresentado em concerto com algumas das mais renomadas orquestras de todo o mundo. Tocou recentemente com a Orquestra Sinfônica Alemã de Berlim, a Orquestra Sinfônica da Rádio de Viena, a Filarmónica de Oslo, a Nacional da Rádio Dinamarquesa, a Sinfônica de Londres, a Filarmónica Real de Estocolmo, a Sinfônica Nipônica Yomiuri, a Orquestra de Câmara Australiana e a Sinfônica de St. Louis,

e nos festivais de Música de Aspen e Mostly Mozart (Lincoln Center), com repertório abrangente desde Mozart, Beethoven, Brahms, Ravel, Rachmaninoff, Chostakovitch e Messiaen até Tippett, Britten ou Julian Anderson. Este último dedicou ao pianista o seu Concerto para piano de 2017. Em 2021/22, Steven Osborne é Artista em Residência na Orquestra Sinfônica de Antuérpia, interpretando Brahms com Elim Chan e Beethoven com Philippe Herreweghe; e solista convidado das Sinfônicas de Seattle, Utah, Galiza, Porto Casa da Música, Nacional Escocesa, Bournemouth e Cidade de Birmingham.

Em 2022 continua a gravar música francesa, lançando obras a solo de Debussy — o seu 32.º registo para a Hyperion. O seu contrato de exclusividade com esta editora, desde 1998, deu origem a múltiplas gravações premiadas no Reino Unido, em França, na Alemanha e nos Estados Unidos da América, incluindo dois Prêmios Gramophone, três Prêmios da Crítica Discográfica Alemã e um Choc da revista *Classica*. Teve discos nomeados como “Escolha do Editor” pela Gramophone e “Álbuns do Ano” pelos jornais *Daily Telegraph*, *Guardian*, *Times* e *Sunday Times*. As suas gravações abrangem uma grande variedade de compositores, incluindo Beethoven, Schubert, Debussy, Ravel, Liszt, Stravinski, Prokofieff, Rachmaninoff, Medtner, Messiaen, Britten, Tippett, Crumb e Feldman.

Steven Osborne ganhou o 1.º prémio nos prestigiados Concursos Clara Haskil (1991) e Internacional de Naumburg (1997). Natural da Escócia, estudou com Richard Beaucamp na Escola de Música St. Mary, em Edimburgo, e com Renna Kellaway no Northern College of Music, em Manchester. É Professor Convidado na Royal Academy of Music e no Conservatório Real Escocês, Patrono do Festival Lammermuir e Membro da Royal Society de Edimburgo.

Thomas Bloch ondas Martenot

O músico francês Thomas Bloch nasceu em 1962 e reside em Paris. Alcançou projecção internacional como solista especializado em instrumentos raros como ondas Martenot, harmónica de vidro e cristal Baschet. O seu repertório estende-se da música clássica e contemporânea à música para teatro, filmes ou bailado, a canção, o rock, a ópera, a improvisação ou a world music. É também compositor e produtor musical.

Laureado com o 1.º prémio para ondas Martenot no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris (com Jeanne Loriod) e detentor do Mestrado em Musicologia pela Universidade de Estrasburgo, Thomas Bloch apresentou-se mais de 3.000 vezes em 40 países, marcando presença em mais de 150 gravações, tanto em nome próprio como enquanto instrumentista convidado. Colaborou em concertos e gravações com artistas como Radiohead, John Cage, Gorillaz/Damon Albarn (*Monkey: Journey to the West*), Tom Waits/Marianne Faithfull/Bob Wilson (*The Black Rider*), Emilie Simon/Luc Jacquet (*The March of Penguins*), Miloš Forman (*Amadeus* — versão longa, “director’s cut”), Daft Punk, etc.

Lecciona ondas Martenot no Conservatório de Estrasburgo desde 1992. É director musical do Festival Evian (França) e foi director do Glass Music International Festival 2005, na Cité de la Musique, Paris. Escreve regularmente artigos para livros sobre música e organiza apresentações sobre os instrumentos que toca, no Museu da Música de Paris, desde a sua abertura (1997).

Enquanto solista de instrumentos raros, Thomas Bloch toca o repertório clássico e moderno: Messiaen, Varèse, Honegger, Jolivet, Bussotti, Mozart, Donizetti, Hasse, Carl Philipp Emmanuel Bach, Beethoven, Richard

Strauss, etc. Faz cerca de 10 a 15 estreias por ano, desde música *avant-garde* (Michel Redolfi, Régis Campo, Etienne Rolin, Bernard Wisson, Jan Erik Mikalsen, entre outros) a compositores de música popular (Jonny Greenwood, Damon Albarn, Tom Waits...). Participou em gravações em mais de 200 programas de rádio e televisão.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas, Pedro Amaral, Solange Azevedo e José Maria Sanchez-Verdú

— este último num cine-concerto com nova música para *A Queda da Casa de Usher*, filme clássico de Jean Epstein. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação das óperas *Senza Sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
Veliyana Yordanova*
Radu Ungureanu
José Despujols
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Maria Kagan
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Alan Guimarães
Mafalda Vilan*
Raquel Santos*
Tiago Moreira*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Catarina Resende*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Emília Alves
Luís Norberto Silva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
João Cunha
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Nadia Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Sousa*
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Adrian Martinez*
Leandro Rocha*

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*
Tomás Rosa*
José Silva*
Jorge Lima*
Marco Fernandes*

Celesta

Luís Duarte*

Glockenspiel de teclado

Vítor Pinho*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

